

A obra ***Paulo e Estêvão***
trata dos episódios
históricos do
cristianismo primitivo?



Copyright 20210 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa: Adaptação Ana Luísa Barroso da Silva Neto

[https://i.pinimg.com/564x/61/18/3c/](https://i.pinimg.com/564x/61/18/3c/61183c5630e530b68d5073fca384eb29.jpg)

[61183c5630e530b68d5073fca384eb29.jpg](https://i.pinimg.com/564x/61/18/3c/61183c5630e530b68d5073fca384eb29.jpg) e

[https://i.gr-assets.com/images/S/compressed.photo.go](https://i.gr-assets.com/images/S/compressed.photo.goodreads.com/books/1350203737l/6922805.jpg)
[odreads.com/books/1350203737l/6922805.jpg](https://i.gr-assets.com/images/S/compressed.photo.goodreads.com/books/1350203737l/6922805.jpg)

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, junho/2021.

A obra *Paulo e Estêvão* trata dos episódios históricos do cristianismo primitivo?

“Os fatos são fatos e saberão impor-se pela sua própria força, pouco a pouco, mau grado a tudo e a todos.”
(ERNESTO BOZZANO)

Paulo Neto

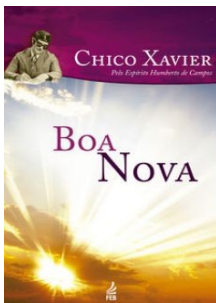
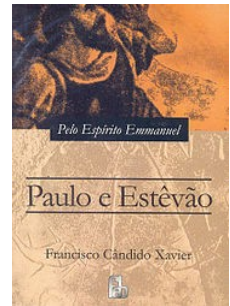
Índice

Introdução.....	5
Comentários sobre a obra Paulo e Estêvão.....	10
Conclusão.....	45
Referências bibliográficas.....	47

Introdução

“A verdade pode ser discutida, mas não destruída, e a posteridade registra o nome dos que a combateram ou a sustentaram.”
(ALLAN KARDEC)

A nossa pergunta tem razão de ser, pois é exatamente o que sustenta a Federação Espírita Brasileira – FEB ao incluir em destaque na primeira página e logo abaixo do título, essa afirmativa como complemento ao título **Paulo e Estêvão**, obra ditada pelo Espírito Emmanuel, através do médium Francisco Cândido Xavier (1910-2002).



O Espírito Humberto de Campos, em **Boa Nova**, nos passa a informação de que “reconheci que os planos espirituais têm também o seu folclore” (1). Emmanuel, falando

dessa obra, esclarece-nos dizendo “alguma coisa das tradições do plano espiritual acerca dos trabalhos confiados ao grande amigo dos gentios” (2).

Segundo o **Aurélio**, **folclore** é “o conjunto ou estudo das tradições, conhecimentos ou crenças de um povo, expressos em suas lendas, canções e costumes”, e **tradição**, dentre outras, seria “transmissão oral de lendas, mitos, fatos, etc., de idade em idade, geração em geração”.

Isso nos leva a concluir que nem todos os relatos baseados em folclore e tradição podem ou devem ser tomados à conta de fatos ocorridos.

Ademais, todos nós sabemos que há o estilo literário em que se romanceia os acontecimentos históricos; porém, o problema é também o tomar todos esses relatos como se realmente tivessem acontecido, porquanto isso beira às raias do fundamentalismo, tão prejudicial e que, ao longo dos tempos, vem atravancando a evolução espiritual da humanidade.

Não temos dúvida de que muitas coisas dessa obra, fecham mesmo com a história, e sobre essas poder-se-ia mesmo afirmar que são episódios históricos do cristianismo primitivo; entretanto, algumas outras não conferem com o que hoje sabemos pelo resultado das pesquisas científicas, do conhecimento arqueológico da região envolvida e dos próprios textos bíblicos.

Tanto isso é verdade que Emmanuel em “Breve Notícia”, texto que serve de uma introdução à obra mencionada, diz textualmente:

Desde já, **vejo os críticos consultando textos e combinando versículos para trazerem à tona os erros de nosso tentame singelo.** Aos bem-intencionados agradecemos sinceramente, por conhecer a nossa expressão de criatura falível, declarando que este livro modesto foi grafado por um Espírito para os que vivam em espírito; e ao pedantismo dogmático, ou literário, de todos os tempos, recorremos ao próprio Evangelho para repetir que, se a letra mata, o espírito vivifica. ⁽³⁾

Ora, com essa fala ele já admite que no romance que propõe contar não terá exatamente o

que está narrado na Bíblia, o que para nós confere quando se coloca algo baseando em tradições.

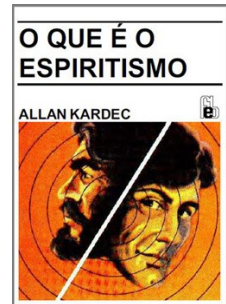
Nessa transcrição o grifo em negrito é nosso, padrão que manteremos para todas elas. Quando ocorrer de não ser, nós avisaremos.

Temos dito alhures que, em que pese a sabedoria e evolução espiritual de Emmanuel, o autor, não significa que tudo que ele fala deve ser tratado como fatos verdadeiramente ocorridos, até mesmo porque, como bem disse Allan Kardec (1804-1869):

[...] para nós a opinião de um Espírito, **qualquer que seja o nome que traga**, não tem senão o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma rigorosa lógica. (4)

Portanto, cada Espírito pode muito bem dar a sua opinião sobre determinado assunto, podendo ela ser justa ou errônea, sem que isso, obviamente, signifique que esteja falando inverdades. Caberá ao leitor a análise do conteúdo.

Na obra **O que é o Espiritismo**, Allan Kardec, a certa altura do diálogo com o visitante, argumenta:



Os Espíritos que formam a população invisível da Terra são, de alguma sorte, o reflexo do mundo corporal; neles se encontram os mesmos vícios e as mesmas virtudes; há entre eles sábios, ignorantes e charlatães, prudentes e levianos, filósofos, raciocinadores, sistemáticos; como se não se despissem de seus prejuízos, **todas as opiniões políticas e religiosas têm entre eles representantes; cada um fala segundo suas ideias, e o que eles dizem é, muitas vezes, apenas a sua opinião pessoal;** eis o motivo por que se não deve crer cegamente em tudo o que dizem os Espíritos. ⁽⁵⁾

Colocamos isso para que fique claro que os Espíritos só falam do que sabem; suas opiniões, muitas das vezes, refletem aquilo que pensavam quando encarnados, o que, seguramente, as tornam, vinculadas ao sistema filosófico, religioso e científico com os quais tinham maior afinidade ou, em alguns casos, dedicaram suas vidas.

Comentários sobre a obra *Paulo e Estêvão*

“O nosso objetivo não é convencer incrédulos, se não se convencem pelos fatos, menos o fariam pelo raciocínio: seria perdermos o nosso tempo.” (ALLAN KARDEC)

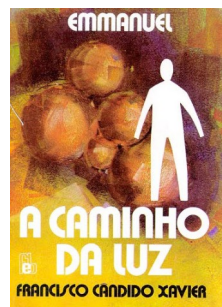
Inicialmente, queremos deixar bem definido a todos que nos forem ler, que o nosso objetivo nessa análise não é o de fazer crítica ácida, nem o de menosprezar o autor ou sua obra e, muito menos, ao médium que a recebeu.

Nossa sincera intenção é de apenas alertar a certos companheiros que tratam tudo quanto foi narrado nessa obra como se fosse verdadeiro, confiando especialmente na grandeza espiritual de quem ditou o romance, que também é reconhecida por nós.

Que nos desculpem os que pensam o contrário, porém não o consideramos infalível, mesmo na condição de Espírito de elevados

pensamentos, já que infalibilidade só a vemos em Deus.

Ademais, já havíamos visto algo na obra **A Caminho da Luz**, psicografada por Chico Xavier, que nos custa acreditar que Emmanuel o tenha dito:



IDENTIFICAÇÃO DA BESTA APOCALÍPTICA

Reza o Apocalipse que a besta poderia dizer grandezas e blasfêmias por 42 meses, acrescentando que o seu número era o 666 (Apoc. XIII, 5 e 18). Examinando-se a importância dos símbolos naquela época e seguindo o rumo certo das interpretações, podemos tomar cada mês como sendo de 30 anos, em vez de 30 dias, obtendo, desse modo, um período de 1260 anos comuns, justamente o período compreendido entre 610 e 1870, da nossa era, quando o Papado se consolidava, após o seu surgimento, com o imperador Focas, em 607, e o decreto da infalibilidade papal com Pio IX, em 1870, que assinalou a decadência e a ausência de autoridade do Vaticano, em face da evolução científica, filosófica e religiosa da Humanidade.

Quanto ao **número 666**, sem nos referirmos às interpretações com os números gregos, em seus valores, devemos recorrer aos algarismos

romanos, em sua significação, por serem mais divulgados e conhecidos, explicando que **é o Sumo-Pontífice da igreja romana** quem usa os títulos de “VICARIVS GENERALIS DEI IN TERRIS”, “VICARIVS FILII DEI” e “DVX CLERI” que significam “Vigário-Geral de Deus na Terra”, “Vigário do Filho de Deus” e “Príncipe do Clero”. Bastará ao estudioso um pequeno jogo de paciência, somando os algarismos romanos encontrados em cada título papal a fim de encontrar a mesma equação de 666, em cada um deles.

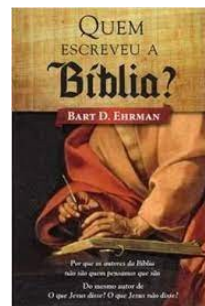
Vê-se, pois, que o Apocalipse de João tem singular importância para os destinos da Humanidade terrestre. ⁽⁶⁾

Ressaltamos “o número 666 é o Sumo-Pontífice da igreja romana”, sinceramente, mesmo que o Papa fosse o tal de “666”, a besta apocalíptica, o que, particularmente, não acreditamos, s.m.j., teria sido melhor que o autor espiritual se omitisse, não passando uma informação desse tipo.

Como, infelizmente, no meio espírita, há um certo endeusamento deste autor espiritual, é bem provável que muitos confrades não gostarão nada do que apontaremos aqui; mas o que há de se fazer

se a verdade é que deve prevalecer?

Em **Quem escreveu a Bíblia?**, o exegeta Bart D. Ehrman, estudioso da Bíblia com foco em crítica textual do Novo Testamento, o Jesus histórico e a origem e desenvolvimento dos primórdios do cristianismo, fala algo que é fundamental trazeremos a esse artigo, para que fique claro que não estamos inventando nada:



[...] é importante esclarecer alguns equívocos comuns sobre o cristianismo inicial no Império Romano. **Acredita-se que, desde seus primeiros dias, o cristianismo era uma religião ilegal, que os cristãos não podiam professar sua fé abertamente por medo de perseguição governamental e que conseqüentemente tinham de se esconder, por exemplo nas catacumbas romanas. Mas nada disso é verdade.** O cristianismo não era mais ilegal que qualquer outra religião. Na maior parte do tempo e na maioria dos lugares, os cristãos podiam ser bastante abertos em relação à sua fé. **Raramente havia qualquer necessidade de “ser discreto”.**

É verdade que os cristãos algumas vezes sofriam a oposição dos pagãos por serem

desconfiados e possivelmente vulgares, da mesma forma como a maioria das “novas” religiões encontrava adversários no império. **Mas não havia decretos imperiais contra o cristianismo nos seus primeiros trezentos anos, nenhuma declaração de ilegalidade, nenhuma tentativa de eliminá-lo por todo o império.** Apenas no ano de 249 d.C., um imperador romano – no caso, o imperador Décio – instituiu uma perseguição aos cristãos em todo o império.

Antes de Décio, as perseguições eram questões quase inteiramente locais. Com frequência eram mais resultado da violência de bandos do que oposição “oficial” movida por autoridades regionais. Quando havia oposição oficial, em geral o objetivo era aplacar as multidões, que não aprovavam cristãos no meio delas. [...]. (7)

E um pouco mais à frente, arremata Ehrman:

[...] As igrejas, nos primeiros duzentos anos, quase **sempre se reuniam em casas particulares**, e os próprios encontros eram particulares. Somente cristãos iam. [...]. (8)

Os trechos da obra ***Paulo e Estêvão*** estarão, para uma melhor identificação, com pano de fundo.

Jeziel tinha as pupilas úmidas. Aquelas revelações sensibilizavam-lhe o coração, como se houvesse conhecido o profeta de Nazaré. E, ligando o perfil deste aos textos que retinha de cor, enunciou, quase em voz alta, como se falasse consigo mesmo:

– “Levantar-se-á (1) como um arbusto verde, na ingratidão de um solo árido... Carregado de opróbrios e abandonado dos homens.

Coberto de ignomínias não merecerá consideração.

Será ele quem carregará o fardo pesado de nossas culpas e sofrimentos, tomando sobre si todas as nossas dores.

Parecerá um homem vergado sob a cólera de Deus...

Humilhado e ferido deixar-se-á conduzir como um cordeiro, mas, desde o instante em que oferecer sua vida, os interesses do Eterno hão de prosperar nas suas mãos.”

Simão, admirado de tanto conhecimento dos sagrados textos, [...].⁽⁹⁾

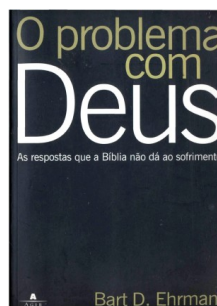
A referência ao texto bíblico é Isaías 53. Provavelmente, o autor quer referendar a passagem de Mateus 8,16-17, onde se lê: *“À tarde, levaram a Jesus muitas pessoas que estavam*

*possuídas pelo demônio. Jesus, com a sua palavra, expulsou os espíritos e curou todos os doentes, para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías: '**Ele tomou as nossas enfermidades e carregou as nossas doenças**'.”*

O grande problema é que Isaías 53 se refere ao povo judeu, e não a Jesus, conforme se pode comprovar com esta explicação na **Bíblia Sagrada - Pastoral**:

Os capítulos 40-55 foram escritos por profeta anônimo, na época do exílio na Babilônia, apresentando uma mensagem de esperança e consolação. Esse profeta é comumente **chamado Segundo Isaías**. O fim do exílio é visto como um novo êxodo e, como no primeiro, Javé será o condutor e a garantia dessa nova libertação. **O povo** de Deus, convertido, mas oprimido, é denominado “**Servo de Javé**”. (10)

Por outro lado, nem mesmo podemos afirmar que o profeta Isaías tenha sido o autor da passagem. Vejamos, em **O problema com Deus**, o que Bart



D. Ehrman disse a respeito disso:

Há mais de cem anos, os estudiosos se deram conta de que os capítulos 40 a 55 do livro de Isaías não poderiam ter sido escritos pelo mesmo autor responsável pelos primeiros 39 capítulos (ou a maior parte deles). Os primeiros capítulos pressupõem uma situação na qual a Assíria está prestes a atacar Judá – ou seja, foram escritos no século VIII a.C. **Os capítulos 40 a 55, por outro lado, pressupõem uma situação em que o reino do sul tinha sido destruído e seu povo, levado para o exílio – ou seja, meados do século VI a.C.** Talvez porque os dois livros têm temas proféticos semelhantes, alguém **posteriormente os somou em um único rolo, acrescentando ainda os capítulos 56 a 66, de um profeta ainda mais recente** (o Terceiro Isaías), que escreveu em um terceiro contexto. ⁽¹¹⁾

Dessa forma, não temos base segura para aceitar a passagem como de autoria do profeta Isaías.

– Vou buscar-te os textos novos. São as anotações de Levi [Mateus] sobre o Messias redivivo. ⁽¹²⁾

– Carinhosamente, ofereceu-lhe uma cópia, em pergaminho, de todas as anotações de

Mateus sobre a personalidade do Cristo e seus gloriosos ensinamentos. (13)

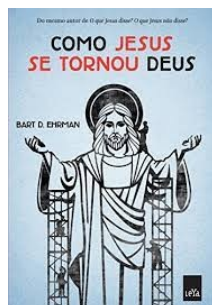
– Quanto à aquisição do Evangelho, somente na igreja do “Caminho”, em Jerusalém, poderíamos obter uma cópia integral das anotações de Levi. (14)

Julio Trebolle Barrera, membro do Comitê Internacional de publicação dos Manuscritos do Mar Morto, em **A Bíblia judaica e a Bíblia Cristã**, informa que o Evangelho de Mateus foi escrito



entre os anos 70 e 80; isso com base nos atuais conhecimentos que dispomos dos textos bíblicos, produto da crítica textual e descobertas da arqueologia. O relato do livro questionado pareceu-nos bem anterior a isso.

Por outro lado, se isto que diz Ehrmam, em **Como Jesus se tornou Deus**, é vero: “[...] a língua em que todo o Novo Testamento de fato foi escrito, era **o grego.**” (15), então seria o caso de



questionarmos: Será que Mateus sabia ler e escrever em grego? Nos Evangelhos não há nenhuma informação para responder a essa questão.

E já que citarmos Bart D. Ehrman, vejamos, em **Quem escreveu a Bíblia?**, obra já citada, o que ele explica a respeito dos autores dos Evangelhos:

[...] Os autores de alguns livros do Novo Testamento não eram quem alegavam ser ou quem se imaginou que seriam. Em alguns casos, isso se deu porque um escrito anônimo, no qual um autor não se identificava quem era, foi posteriormente atribuído a alguém que, na verdade, não o escreveu. Mateus provavelmente não escreveu Mateus, por exemplo, nem João, João (ver capítulo 7), por outro lado, nenhum livro de fato alega ter sido escrito por uma pessoa chamada Mateus ou João. Em outros casos, isso aconteceu porque o autor mentiu sobre sua identidade, alegando ser alguém que não era. [...].⁽¹⁶⁾

Portanto, podemos verificar que, atualmente, nem sequer sabemos quem foram os verdadeiros autores dos textos dos Evangelhos. Isso é falado

por um especialista em Novo Testamento, é bom lembrar.

Sobre esse instigante assunto realizamos uma extensa pesquisa, que resultou no texto “**Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?**”, disponível em nosso site. Recomendamo-lo aos interessados, por ter uma gama considerável de elementos confiáveis para se afirmar isso.



– Quase em lágrimas, leu o Sermão da Montanha, secundado pelas comovedoras lembranças de Pedro. Em seguida, ambos passaram a comparar os ensinamentos do Cristo com as profecias que o anunciavam. ⁽¹⁷⁾

– O Apóstolo falou, primeiramente, das profecias que haviam anunciado a vinda do Nazareno, e em seguida passou a relatar os feitos de Jesus entre os homens. ⁽¹⁸⁾

– Continuai examinando a Lei e os Profetas, nos quais encontrareis sempre a promessa do Messias, que já veio... Desde Moisés, todos os mentores de Israel referiam-se ao Mestre, com caracteres de fogo... ⁽¹⁹⁾

Outro ponto que julgamos estranho é a menção a profecias que anunciavam o Cristo, quando, na verdade, são ficções criadas para enaltecer a sua figura. Como o tema é longo, solicitamos aos interessados que leiam o nosso E-book **“Será que os profetas previram a vinda de Jesus?”**



– Enquanto os companheiros cercavam o jovem genuflexo, sem nada ouvirem nem verem, não obstante haverem percebido, a princípio, uma grande luz no alto, Saulo interrogava em voz trêmula e receosa: ⁽²⁰⁾

Comprovar essa ocorrência não é tarefa fácil, pois as informações que dispomos em Atos dos Apóstolos são divergentes, quanto ao fato de terem ouvido a voz; porém, em relação a terem visto alguma coisa, há notícia de que viram a luz. Vejamos os textos bíblicos:

Atos 9,7: *“Os homens que acompanhavam Saulo ficaram cheios de espanto, porque **ouviam a voz**, mas não viam ninguém”.*

Atos 22,9: “*Meus companheiros viram a luz, mas **não ouviram a voz** que me falava*”.

Afinal, ouviram a voz ou não?

– Irmão Saulo, em nome de Deus Todo-poderoso eu te batizo para a nova fé em Cristo Jesus!... (21)

Causa-nos admiração o fato de aqui terem batizado Saulo “em nome de Deus Todo-poderoso”, quando àquela época, conforme registrado em *Atos dos Apóstolos*, se batizava “em nome de Jesus” (Atos 2,38; 8,16; 10,48; 19,5); inclusive, temos o próprio Paulo informando sobre o batismo “em Jesus Cristo” e “em Cristo” (Romanos 6,3; Gálatas 3,27, respectivamente).

A igreja de Antioquia continuava oferecendo as mais belas expressões evolutivas. De todas as grandes cidades afluíam colaboradores sinceros. As assembleias estavam sempre cheias de revelações. Numerosos irmãos profetizavam, animados do Espírito Santo (1). [...].

Em nota, Emmanuel explica:

(1) Ninguém deverá ignorar que Espírito Santo designa a legião dos Espíritos santificados na luz

e no amor, que cooperaram com o Cristo desde os primeiros tempos da Humanidade. ⁽²²⁾

Carlos Torres Pastorino (1910-1980), em **Sabedoria do Evangelho - vol. 5**, analisa a expressão grega *pneuma hágion*, neste quadro temos as suas variantes e respectivos significados:

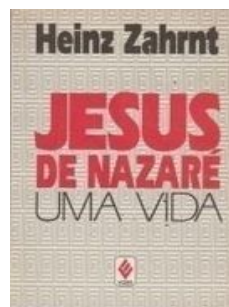
PNEUMA HAGION							
Em grego	Tradução	Mat.	Marc.	Luc.		João	Totais
		EV	EV	EV	AT	EV	
<i>tò pneuma tò hágion</i> (1)	o Espírito o santo	1	3	2	15	-	21
<i>pneuma hágion</i> (indefinido, sem artigo)	um espírito santo	3	1	7	17	1	29
<i>tò hágion pneuma</i> (2)	o santo Espírito (inversão)	-	-	2	7	-	19
<i>tò pneuma</i>	o espírito	4	2	2	11	10	29
<i>pneuma</i> (indefinido, sem artigo)	um espírito	3	-	2	4	6	15
Totais		11	6	15	54	17	103
(1) Em João aparece uma só vez, e assim mesmo em apenas alguns códices tardios, havendo forte suspeição de haver sido acrescentado posteriormente (em 14:26). (2) Mat. 28:19, num versículo indiscutivelmente apócrifo.							

A nosso ver apenas significa um Espírito superior. Pode até ser que estejamos sendo exigentes demais, mas julgamos que, no máximo, essa expressão, poderia designar cada um dos que compõem a legião de Espíritos puros, ou seja, representa parte e não o todo.

– Francamente – dizia Saulo a Barnabé, mostrando-se apreensivo –, regresso de ânimo quase abatido aos nossos serviços de Antioquia. Jerusalém dá impressão de profundo desmantelo e acentuada indiferença pelas lições do Cristo. As altas qualidades de Simão Pedro, na chefia do movimento, não me deixam dúvidas; mas precisamos cerrar fileiras em torno dele. [...]. ⁽²³⁾

Muito curiosa a afirmativa de que Pedro chefiava o movimento, pois Paulo disse aos gálatas que “[...] Tiago, Cefas e João, que eram reputados colunas, [...].” (Gálatas 2,9), provando que Pedro (Cefas) não era o líder, pois o movimento cristão iniciante era coordenado por três pessoas (colunas). Vejamos a opinião de dois teólogos:

1º) O alemão **Heinz Friedrich Bernhard Zahrnt** (1915-2003), teólogo protestante, escritor e publicitário, autor da obra ***Jesus de Nazaré: uma vida***, da qual transcrevemos:



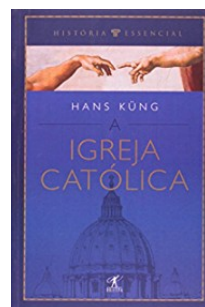
A chefia da comunidade primitiva de Jerusalém era o colégio dos Apóstolos,

[...] Entre os apóstolos sobressaíam Pedro e João; bem pouco tempo depois da morte de Jesus também se associou seu irmão Tiago que, distinguido com uma aparição do Ressuscitado, ocupou uma posição de honra até sua execução no ano de 62. **Os três apóstolos, juntos, eram considerados as “colunas” da comunidade primitiva de Jerusalém.**

[...].

[...] A missão da comunidade primitiva dirigia-se, contudo, exclusivamente a judeus; **Jerusalém permanecia a matriz e os três “apóstolos-colunas” formavam uma espécie de autoridade de supervisão espiritual.** ⁽²⁴⁾

2º) O teólogo suíço **Hans Küng** (1928-2021), padre católico desde 1954, em sua obra ***A Igreja Católica***, esclarece:



3. **Pedro foi, sem dúvida, o líder da primeira comunidade de Jerusalém – porém (e isto é decisivo), não sozinho, mas juntamente com o grupo dos Doze e mais tarde no grupo dos três “pilares”** (Gálatas 2,9): Tiago (a quem Paulo em sua carta põe em primeiro lugar), Pedro e João.

Mais tarde, Pedro é responsável pela proclamação de Cristo entre os judeus ligados pela sagrada lei de Moisés.

Na primeira igreja, Pedro sem dúvida possuía uma autoridade especial; entretanto, não a possuía sozinho, mas sempre conjuntamente com outros. Ele estava longe de ser um monarca espiritual, ou mesmo um governante único. Não há sinal de nenhuma autoridade exclusiva, quase monárquica como líder. [...]. ⁽²⁵⁾

Portanto, fica também confirmado, por esses dois exegetas, que Pedro não liderava o movimento do cristianismo primitivo.

Os dois dedicados missionários haviam voltado em uma fase de grandes dificuldades para a instituição. Ambos perceberam-nas, contristados. As contendas de Jerusalém estendiam-se a toda a comunidade de Antioquia; as lutas da circuncisão estavam acesas. [...]. ⁽²⁶⁾

Fortemente impressionados com a situação, Paulo e Barnabé combinam um recurso extremo. Deliberam convidar Simão Pedro para uma visita pessoal à instituição de Antioquia. Conhecendo-lhe o espírito liberto de preconceitos religiosos, os dois companheiros endereçam-lhe longa missiva, explicando que

os trabalhos do Evangelho precisavam dos seus bons ofícios, insistindo pela sua atuação prestigiosa. ⁽²⁷⁾

Havia em tudo, agora, uma nota de satisfação geral. As observações de Pedro calaram fundo em todos os companheiros. Foi então que Tiago tomou a palavra, e, vendo-se quase só no seu ponto de vista, esclareceu que Simão fora muito bem inspirado no seu apelo; mas pediu três emendas para que a situação ficasse bem esclarecida. Os pagãos ficavam isentos da circuncisão, mas deviam assumir o compromisso de fugir da idolatria, evitar a luxúria e abster-se das carnes de animais sufocados.

O Apóstolo dos gentios estava satisfeito. Fora removido o maior obstáculo.

No dia seguinte os trabalhos foram encerrados, lavrando-se as resoluções em pergaminho. Pedro providenciou para que cada irmão levasse consigo uma carta, como prova das deliberações, em virtude da solicitação de Paulo, que desejava exhibir o documento como mensagem de emancipação da gentilidade. ⁽²⁸⁾

Um conflito surgiu em Antioquia com relação à circuncisão, uns querendo que fossem circuncidados os pagãos que se convertiam ao

cristianismo, outros achando-a desnecessária, incluindo-se aí Paulo e Barnabé, que levam a questão aos apóstolos e anciãos de Jerusalém, local onde também apareceram pessoas contrárias:

Atos 15,1-5: *“Chegaram alguns homens da Judeia e doutrinavam os irmãos de Antioquia, dizendo: 'Se não forem circuncidados, como ordena a Lei de Moisés, vocês não poderão salvar-se'. Isso provocou alvoroço e **uma discussão muito séria deles com Paulo e Barnabé. Então ficou decidido que Paulo, Barnabé e mais alguns iriam a Jerusalém para tratar dessa questão com os apóstolos e anciãos.** [...] Quando chegaram a Jerusalém, foram acolhidos pela igreja, pelos apóstolos e anciãos, e contaram as maravilhas que Deus tinha realizado por meio deles. **Alguns daqueles que tinham pertencido ao grupo dos fariseus e que haviam abraçado a fé intervieram, declarando que era preciso circuncidar os pagãos e mandar que seguissem a lei de Moisés.**”*

Reuniram-se, em Jerusalém, no que se pode denominar de primeiro concílio. Logo no início dessa assembleia, formou-se grande agitação; foi

nesse momento que apareceu Pedro, que toma a palavra:

Atos 15,6-12: **“Então os apóstolos e os anciãos se reuniram para tratar desse assunto.** Depois de longa discussão, Pedro levantou-se e falou: **'Irmãos, vocês sabem que, desde os primeiros dias, Deus me escolheu no meio de vocês, para que os pagãos ouvissem de minha boca a palavra da Boa Notícia e acreditassem.** Ora, Deus, que conhece os corações, testemunhou a favor deles, dando-lhes o Espírito Santo como deu a nós. E não fez nenhuma distinção entre nós e eles, purificando o coração deles mediante a fé. Então, por que tentam a Deus, querendo impor aos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós mesmos tivemos de suportar? Ao contrário, é pela graça do Senhor Jesus que cremos ser salvos, exatamente como eles.'”

Percebe-se, claramente, que Pedro não decidiu nada, apenas deu sua opinião de que Deus não faz distinção de pessoas, e, como se vê, nada falou especificamente quanto ao tema, ou seja, a circuncisão, ele foi bem genérico.

Nessa fala de Pedro, podemos questionar sobre ter ele sido escolhido para pregar aos pagãos, trazendo os seguintes passos bíblicos, que deixam claro que foi Paulo o escolhido para essa missão:

*Atos 9,15: "Mas o Senhor disse a Ananias: 'Vá, porque esse homem [referindo-se a Saulo] é um instrumento que eu escolhi para **anunciar o meu nome aos pagãos**, aos reis e ao povo de Israel.'"*

Na sequência, falam Barnabé e Paulo (Atos 15,12) e, assim que terminam de expor, Tiago toma a palavra:

Atos 15,13-21: "Quando Paulo e Barnabé terminaram de falar, Tiago tomou a palavra e disse: 'Irmãos, ouçam-me: Simão acaba de nos lembrar como desde o começo Deus cuidou de tomar homens das nações pagãs para formar um povo dedicado a seu Nome. Isso concorda com as palavras dos profetas, pois está escrito: Depois disso, eu voltarei e reconstruirei a tenda de Davi que havia caído; reconstruirei as ruínas que ficaram e a reerguerei, a fim de que o resto dos homens procure o Senhor como todas as nações que foram consagradas em meu Nome. É o que

*diz o Senhor, que tornou essas coisas conhecidas desde há séculos. Por isso, **eu sou de parecer**, que não devemos importunar os pagãos que se convertem a Deus. **Vamos somente prescrever** que eles evitem o que está contaminado pelos ídolos, as uniões ilegítimas, comer carne sufocada e o sangue. De fato, desde os tempos antigos, em cada cidade Moisés tem seus pregadores, que leem todos os sábados nas sinagogas.'"*

Do relato, fica claro que Pedro não agiu como sendo ou tendo alguma autoridade; apenas deu a sua opinião pessoal sobre Deus não fazer acepção de pessoas, cabendo a deliberação final a Tiago, que foi aceita por todos, e foi dela que surgiu a carta a ser levada a todos, visando orientá-los sobre o procedimento a ser feito:

*Atos 15,22-29: "Então **os apóstolos e os anciãos, de acordo com toda a comunidade de Jerusalém**, resolveram escolher alguns da comunidade para mandá-los com Paulo e Barnabé para Antioquia. [...] **Através deles enviaram a seguinte carta:** 'Nós, os apóstolos e os anciãos, irmãos de vocês, saudamos os irmãos que vêm do paganismo e que estão em Antioquia e nas*

*regiões da Síria e da Cilícia. Ficamos sabendo que alguns dos nossos provocaram perturbações com palavras que transtornaram o espírito de vocês. Eles não foram enviados por nós. Então decidimos, de comum acordo, escolher alguns representantes e mandá-los até vocês, junto com nossos queridos irmãos Barnabé e Paulo, homens que arriscaram a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Por isso, estamos enviando Judas e Silas, que pessoalmente transmitirão a vocês a mesma mensagem. **Porque decidimos, o Espírito Santo e nós, não impor sobre vocês nenhum fardo, além destas coisas indispensáveis: abster-se de carnes sacrificadas aos ídolos, do sangue, das carnes sufocadas e das uniões ilegítimas.** Vocês farão bem se evitarem essas coisas. Saudações!"*

A carta enviada, não por Pedro, como dito pelo autor espiritual, mas pelos apóstolos e anciãos, contém o parecer final de Tiago.

A redatora da equipe de *Atlantis Rising*, Cynthia Logan, no artigo "[**Uma Nova Luz sobre as Origens Cristãs - uma análise mais detalhada do papel de Tiago, o irmão de**](#)

Jesus”, menciona o ministro luterano Jeffrey J. Bütz, mestre em Teologia, professor e escritor, dizendo o seguinte:

Todos os ramos do cristianismo acreditam que Pedro era o líder dos apóstolos, ainda que as pesquisas mostrem que isso é um mal-entendido, de acordo com Bütz. “Tiago tornou-se o líder dos apóstolos depois da ressurreição de Jesus. Essa liderança transferiu-se naturalmente para o seguinte da família”. Ele observa que Pedro é subserviente a Tiago em um incidente registrado no capítulo 15 do livro dos Atos. **“No Concílio de Jerusalém, o primeiro Concílio Apostólico, todos os líderes da Igreja inicial reuniram-se para discutir até que ponto os gentios deveriam seguir a lei de Moisés para ser considerados seguidores de Cristo. Tiago resolveu a questão, declarando que os gentios não precisavam ser circuncidados, mas que precisariam seguir um mínimo da Torá”**, comenta Bütz, que também menciona o “incidente Antioquia”, incluindo na epístola de Paulo aos Gálatas.

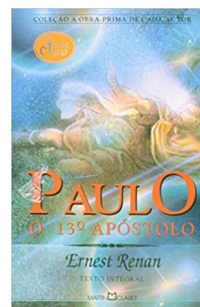
“As populações judias e pagãs estavam fazendo refeições em conjunto, o que era uma violação da Lei de Moisés. **Tiago é informado de que Pedro 'compartilha as refeições' com gentios em Antioquia e diz-lhe que seria aliado**”. Novamente, em uma demonstração de subserviência a Tiago – que Bütz acredita ter sido provavelmente integrante dos nazaristas,

uma seita judaica rígida e ascética –, Pedro interrompe aquele comportamento. **“Se alguém merece o título de primeiro papa da Igreja, esse alguém é Tiago, não Pedro”**, insiste Bütz, observando que, embora ele fosse um seguidor da lei, **foi Tiago que permitiu a Paulo continuar na sua missão**. “Ele apôs o selo de aprovação oficial na missão junto aos gentios, mas não esperava que Paulo chegasse ao ponto de dizer que não era preciso seguir a Lei de Moisés, a Torá, mas simplesmente acreditar em Jesus Cristo. Essa foi realmente a divisão que fez com que o cristianismo se tornasse uma religião separada”. (29)

Muito clara a explicação de Bütz; portanto, pensar que Pedro era o líder da comunidade cristã primitiva e que tenha “presidido” o concílio e, ainda, que foi ele quem mandou a carta de recomendação aos antioquianos é iludir-se.

Em ***Paulo - o 13º apóstolo***, assevera-nos Ernest Renan (1823-1892), escritor, filósofo, teólogo, filólogo e historiador francês que “Tiago, ao contrário, tornou-se para o partido judaico-cristão o chefe de

toda a cristandade, o bispo dos bispos, o presidente



de todas as boas igrejas, das que verdadeiramente foram fundadas por Deus". (30)

Ao que nos parece, as provas a favor da liderança de Tiago são incontestáveis. Podemos, inclusive, voltar um pouco mais atrás no livro de Atos (12,1-17) e veremos que Pedro, depois de ter sido solto da prisão, em que Herodes o colocara, pede para que Tiago seja informado disso (Atos 12,17), reafirmando, mais uma vez, que ele era mesmo o verdadeiro líder.

– Desejaria protestar, esclarecendo que Paulo de Tarso não era um simples réu comum; que não falava por si só, mas também por Lucas, que igualmente fora marítimo dos mais competentes. (31)

Que Lucas fora marítimo, ou seja, homem do mar, é para nós, uma informação novíssima, pois não a encontramos em nenhum estudioso, cuja obra lemos em nossos estudos e pesquisas. Segundo os mais entendidos, Lucas fora médico.

– Esta é a epístola aos hebreus. Fiz questão de grafá-la, valendo-me dos próprios recursos,

pois que a dedico aos meus irmãos de raça e procurei escrevê-la com o coração. ⁽³²⁾

Os estudiosos da atualidade já não atribuem mais a carta aos *Hebreus* como sendo de autoria de Paulo; simplesmente, não se sabe, ao certo, quem a escreveu. Essa informação, inclusive, já consta de explicação dos tradutores em muitas versões bíblicas, como, por exemplo, na publicação da editora Ave-Maria, na qual se lê:

A epístola aos Hebreus deve ser mencionada à parte. Se bem que ela reflita as ideias mestras de São Paulo, ela **não parece entretanto ter sido escrita por sua mão**, tão diferente é o seu estilo das outras. ⁽³³⁾

Avancemos.

[...] Em longa missiva, Pedro relatava a Barnabé os últimos fatos que o acabrunhavam. Escrevia na data em que Tiago, filho de Zebedeu, sofrera a pena de morte, em grande espetáculo público. [...] ⁽³⁴⁾

[...] E Paulo continuou a escrever sempre, ignorando, contudo, que aqueles documentos sublimes, escritos muitas vezes em hora de

angústias extremas, não se destinavam a uma igreja particular, mas à cristandade universal. As epístolas lograram êxito rápido. Os irmãos as disputavam nos rincões mais humildes, por seu conteúdo de consolações, e o próprio Simão Pedro, recebendo as primeiras cópias, em Jerusalém, reuniu a comunidade e, lendo-as, comovido, declarou que as cartas do convertido de Damasco deviam ser interpretadas como cartas do Cristo aos discípulos e seguidores, afirmando, ainda, que elas assinalavam um novo período luminoso na história do Evangelho. ⁽³⁵⁾

– Às vésperas da partida em busca da gentilidade espanhola, eis que o Apóstolo recebe uma carta comovente de Simão Pedro. O ex-pescador de Cafarnaum escrevia-lhe de Corinto, avisando sua próxima chegada à cidade imperial. ⁽³⁶⁾

Se Pedro lia as cartas de Paulo e se, além disso, ele próprio também escrevia, estaremos diante de um novo problema, já que tanto Pedro quanto João “*eram homens iletrados e incultos*” (Atos 4,13) ⁽³⁷⁾. É dito que Pedro lia as cartas de Paulo, mas como, se ele não sabia ler? Como analfabeto que era, a única possibilidade seria a de que alguém leu para ele.

No caso de carta, pode ser que a tenha psicografado ou que alguém a escreveu por ele, hipóteses que não temos como comprovar para saber qual delas, de fato, ocorreu.

Temos, a seguir, na obra ***Paulo e Estevão***, três momentos nos quais se fala que os cristãos se utilizavam das catacumbas para se reunirem em assembleia:

a) Meados de 64:

“Quanto mais sombrios os horizontes, mais coeso se tornava o grupo de irmãos na fé, em Cristo Jesus. Multiplicavam-se as reuniões nos cemitérios distantes e abandonados. Naqueles dias de sofrimento, as pregações pareciam mais belas”. (38)

b) Após o incêndio de Roma:

“As primeiras prisões realizaram-se como flagelo maldito. Numerosas famílias refugiaram-se nos cemitérios e nos arredores da cidade meio destruída, receosas dos algozes implacáveis. [...]”. (39)

c) Depois do hediondo massacre dos cristãos no circo romano, ao tempo de Nero:

“As igrejas domésticas estavam silenciosas. Fechados os grandes salões alugados na

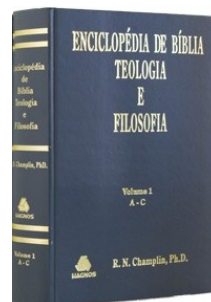
Suburra para as pregações da doutrina. Restava aos seguidores do Mestre apenas um meio de se entreverem e se reconfortarem na prece e nas lágrimas comuns: era as reuniões nas catacumbas abandonadas. E a verdade é que não poupavam sacrifícios para acorrer a esses lugares tristes e ermos. Era nesses cemitérios esquecidos que encontravam o conforto fraternal, para o momento trágico que os visitava. Ali, oravam, comentavam as luminosas lições do Mestre e hauriam novas forças para os testemunhos impendentes. ⁽⁴⁰⁾

Vejamos, primeiramente, a opinião do Padre Paulo Ricardo, transcrita de seu artigo “***A Igreja das catacumbas***”, publicado, em 15/11/2012, no site *A Fé Explicada*:

Um dos mitos com relação à história da Igreja é a afirmação de que as catacumbas eram locais secretos, onde os cristãos se reuniam sem o conhecimento das autoridades romanas. A realidade, porém, não condiz com tal ideia. **As catacumbas eram muito apertadas para comportar uma multidão de pessoas.** Faltaria ar e espaço. **O que acontecia nas catacumbas, com muita frequência, era a reunião de pequenos grupos para venerar as relíquias dos mártires.** Em virtude do espaço pequeno é que os cristãos começaram a fazer basílicas localizadas exatamente acima das

catacumbas, com as relíquias sendo transladadas para as igrejas de modo a facilitar a veneração dos santos por um maior número de fiéis. ⁽⁴¹⁾

Na ***Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia - vol. 1***, autoria de Russell Nornam Champlin (1933-2018), encontramos:



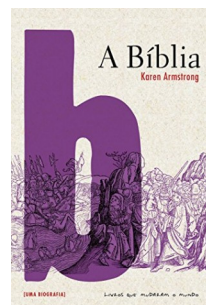
A ideia de que os cristãos antigos usavam esses lugares para se ocultarem, ou para efetuarem seus cultos religiosos, proibidos que estavam pelos romanos, não é mais favorecida entre os estudiosos. Mui provavelmente, eram apenas cemitérios reconhecidos como cristãos. [...] ⁽⁴²⁾

Portanto, não resta dúvida de que os cristãos primitivos não utilizavam as catacumbas para se reunirem; isso não passa de um mito, apenas uma tradição.

– Nessas, inclui-se a derradeira carta que escreveu a Timóteo, aproveitando dois amigos que partiam para a Ásia. ⁽⁴³⁾

– Com a mão trêmula e rugosa escreve melancolicamente: – “Só Lucas está comigo”. [II Epístola a Timóteo, 4:11. (Nota de Emmanuel). (44)]

Temos vários estudiosos da atualidade que informam que a carta a Timóteo, não é de autoria de Paulo, como por exemplo Karen Armstrong, que, em ***A Bíblia: uma biografia***, diz:



[...] após sua morte, no início dos anos 60, **escritores cristãos que o reverenciavam escreveram em seu nome** e desenvolveram suas ideias em cartas às igrejas de Éfeso e Colossos, e **redigiram cartas supostamente póstumas dirigidas a Timóteo e Tito, companheiros de Paulo.** (45)

O filósofo e historiador Ernest Renan, em ***Paulo o 13º apóstolo***, anteriormente citado, também pensava assim, conforme se comprova com estas transcrições:

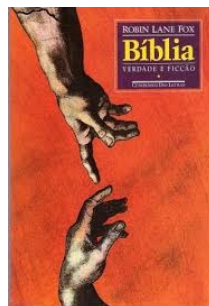
[...] **Imperfeitas e pesadas são as**

Epístolas apócrifas do Novo Testamento, por exemplo as escritas a Tito e a Timóteo; [...] Cabe destacar ainda que **Márcion**, que em geral também se inspirou na crítica dos textos de Paulo e que **repudiava com convicção as Epístolas a Tito e a Timóteo**, admitira sem contestar, na sua compilação, as duas Epístolas citadas. [Colossenses e Efésios]. ⁽⁴⁶⁾

Sobram as duas Epístolas a Timóteo e a Epístola a Tito. **Grandes obstáculos oferece a autenticidade destas três epístolas. Eu as considero como peças apócrifas.** Para o provar, poderia demonstrar que a linguagem destes três textos não é a de Paulo; poderia destacar uma quantidade de períodos e de expressões ou exclusivamente próprias ou particularmente utilizadas pelo autor que, sendo características, deveriam encontrar-se em proporção análoga nas outras epístolas de Paulo, o que não acontece. Além disso, faltam-lhes outras expressões, que são como a assinatura de Paulo. Poderia principalmente mostrar que estas epístolas contêm um elevado número de detalhes que não se apropriam ao autor suposto, nem aos supostos destinatários. A habitual característica das cartas elaboradas com uma intenção doutrinária é a de que o falsário vê o público sobre a cabeça do destinatário e escreve a este

coisas muito conhecidas, muito familiares, mas que o falsário pretende fazer conhecidas do público. ⁽⁴⁷⁾

Vejamos ainda o que Robin Lane Fox, escritor e professor de História Antiga, disse na obra ***Bíblia: Verdade e Ficção***:



[...] **as duas epístolas a Timóteo** são postas sob suspeita pelo estilo, e são por fim desautorizadas por seu conteúdo e por sua localização (um bispo único; a falta de conhecimento de Timóteo e sua descrição descabida dos acontecimentos que o cercavam). **Seus autores foram muito ousados em sua falsificação.** “Pedro, apóstolo de Cristo”, “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus”, é como se dizem chamar. Talvez estivessem escrevendo o que achavam que Pedro e Paulo “devessem” ter escrito, **mas ainda assim mentiram para seus leitores.** [...]. ⁽⁴⁸⁾

Se atualmente as cartas a Timóteo já não são aceitas como de autoria de Paulo, como, na obra em estudo, o autor espiritual se refere a elas como

se fossem? Há algum equívoco nisso!

O estudioso Artur Felipe Ferreira, escritor e tradutor, natural e residente em Niterói (RJ), nos informa que na obra *Paulo e Estêvão* não é citado o nome de Erasto. Fato que confirmamos e, como ele, achamos muito estranho.

Vejamos esta informação no **Dicionário Bíblico** on-line a respeito de Erasto:

Um dos que serviam a Paulo em Éfeso, sendo daqui mandado com Timóteo à Macedônia. Passado algum tempo, '**Erasto, tesoureiro da cidade**', **isto é, de Corinto**, envia saudações a igreja de Roma (Rm 16.23). Mais tarde manda Paulo dizer a Timóteo que 'Erasto ficou em Corinto' (2 Tm 4.20). Pelas datas não podem ser identificadas estas três referências.
(⁴⁹)

Ora, na obra *Paulo e Estêvão*, a cidade de Corinto é citada centenas de vezes, porém, o nome de Erasto nenhuma. Sim, estranhíssimo esse fato.

Conclusão

“O futuro dirá se estou certo ou errado.” (ALLAN KARDEC)

Com o que aqui apresentamos, nutrimos a esperança de que tenha ficado claro, que nós, espíritas, não deveríamos levar tudo ao pé da letra, justificando algo como verdade só porque veio de determinado Espírito ou médium, porquanto Allan Kardec jamais sugeriu tal coisa; muito ao contrário, sempre incentivou que se buscasse analisar tudo, e que a opinião de um Espírito, por mais respeitável que ele seja, é apenas uma opinião pessoal, não podendo fazer corpo de Doutrina.

Essa forma de agir foi bem identificada pelo confrade Wilson Garcia, que, em ***Uma janela para Kardec***, desabafa:

Costuma-se tomar o médium por alguém acima de qualquer suspeita. O mesmo ocorre com



o Espírito manifestante. A situação cresce em importância quando o médium adquire certa respeitabilidade o Espírito que o guia se destaca. Aí, médium e guia passam a uma situação especial e qualquer desconfiança com relação a ambos pode ocasionar sérias consequências para quem cometer tal imprudência. ⁽⁵⁰⁾

Essa é uma ferida crônica em muitos confrades do Movimento Espírita, que não aceitam nenhum tipo de questionamento feito a certos guias e médiuns, tendo-os como infalíveis. Inclusive, acham que isso seria desmerecê-los.

A nosso ver, abandona-se os critérios estabelecidos por Allan Kardec nas obras da Codificação, para abraçar um certo misticismo, vamos assim dizer, endeusando os dois personagens.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Mai/2013

Referências bibliográficas

Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.

Bíblia Sagrada. 68ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 1989.

Bíblia Shedd. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova e Barueri, SP: SBB, 2005.

ARMSTRONG, K. *A Bíblia: uma biografia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BARRERA, J. T. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 1*. São Paulo: Candeia, 1995a.

EHRMAN, B. D. *Como Jesus se tornou Deus*. São Paulo: LeYa, 2014.

EHRMAN, B. D. *O problema com Deus*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

EHRMAN, B. D. *Quem escreveu a Bíblia?: Porque os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

FOX, R. L. *Bíblia: Verdade e ficção*, São Paulo: Cia das Letras, 1996.

KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001b.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*. Araras, SP: IDE, 1993.

KENYON, J. D. (org). *O que a Bíblia Não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião oriental*. São Paulo: Pensamento, 2008.

KÜNG, H. *A Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

LOGAN, C. *Uma nova luz sobre as origens cristãs: uma análise mais detalhada do papel de Tiago, o irmão de Jesus*, p. 49-50 in. KENYON, J. D. (org). *O que a Bíblia Não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião oriental*. São Paulo: Pensamento, 2008, p. 47-52.

PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho - Vol. 5*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.

RENAN, E. *Paulo - o 13º apóstolo*, São Paulo: Martin Claret, 2004a.

RICARDO, P. *A Igreja das catacumbas*. Disponível em <http://afeexplicitada.wordpress.com/2012/11/15/a-igreja-das-catacumbas/>, acesso em 03.04.2013, às 09:39h.

XAVIER, F. C. *A caminho da luz*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

XAVIER, F. C. *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

ZAHRNT, H. *Jesus de Nazaré: uma vida*. Petrópolis: Vozes, 1992.

Dicionário Bíblico On-Line. *Erasto*, disponível em: <https://biblia.com.br/dicionario-biblico/e/erasto/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

- 1 XAVIER, *Boa Nova*, p. 12.
- 2 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 7.
- 3 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 9.
- 4 KARDEC, *Revista Espírita 1866.*, p. 191.
- 5 KARDEC, *O que é o Espiritismo*, p. 107.
- 6 XAVIER, *A Caminho da Luz*, p. 128-129.
- 7 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia?*, p. 164-165.
- 8 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia?*, p. 167.
- 9 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 69.
- 10 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 947.
- 11 EHRMAN, *O problema com Deus*, p. 72.
- 12 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 69.
- 13 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 134.
- 14 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 232.
- 15 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 30.
- 16 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia?*, p. 19.
- 17 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 69.
- 18 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 398.
- 19 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 557.
- 20 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 212.
- 21 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 228.

- 22 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 345.
- 23 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 351.
- 24 ZHRNT, *Jesus de Nazaré: uma vida*, p. 191.
- 25 KÜNG, *A Igreja Católica*, p. 35-36.
- 26 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 405.
- 27 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 406.
- 28 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 427-428.
- 29 LOGAN, *Uma nova luz sobre as origens cristãs: uma análise mais detalhada do papel de Tiago, o irmão de Jesus*, p. 49.
- 30 RENAN, *Paulo - o 13º apóstolo*, p. 235.
- 31 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 540.
- 32 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 558.
- 33 *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 46.
- 34 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 345.
- 35 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 462.
- 36 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 562.
- 37 *Bíblia Shedd*, p. 1532-1533.
- 38 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 571-572.
- 39 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 576.
- 40 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 578-579.

- 41 RICARDO, *A Igreja das catacumbas*. Disponível em <http://afeexplicada.wordpress.com/2012/11/15/a-igreja-das-catacumbas/>,
- 42 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia - vol. 1*, p. 671.
- 43 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 590-591.
- 44 XAVIER, *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*, p. 591.
- 45 ARMSTRONG, *A Bíblia: uma biografia*, p. 63-64.
- 46 RENAN, *Paulo o 13º apóstolo*, p. 17.
- 47 RENAN, *Paulo o 13º apóstolo*, p. 24-26.
- 48 FOX, *Bíblia: Verdade e ficção*, p. 124.
- 49 Dicionário Bíblico On-Line. *Erasto*, disponível em: <https://biblia.com.br/dicionario-biblico/e/erasto/>
- 50 GARCIA, *Uma janela para Kardec*, p. 78.



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; e 6) *Kardec & Chico: dois missionários*;

b) E-books: 1) *Espiritismo e Aborto*; 2) *Kardec & Chico: 2 missionários. Volume II*, 3) *Kardec & Chico: 2 missionários. Volume III*; 4) *Racismo em Kardec?*; 5) *Espírito de Verdade, quem seria ele?*; 6) *A Reencarnação tá na Bíblia*; 7) *Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem)*; 8) *Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso*; 9) *Chico Xavier, verdadeiramente uma alma feminina*; 10) *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?*; 11) *Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta*; 12) *Francisco de Assis e Chico Xavier seriam o mesmo Espírito?*; 13) *A mulher na Bíblia*; 14) *Todos nós somos médiuns?*; 15) *Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas*; 16) *O Perispírito e as polêmicas a seu respeito*; 17) *Allan Kardec e a lógica da reencarnação*; 18) *O fim dos tempos está próximo?*; 19) *Obsessão, processo de cura de casos graves*; 20) *Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?* e 21) *A aura e os chakras no Espiritismo*.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com